

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL

**Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)**



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-923-3

DOI 10.22533/at.ed.233212503

1. Ciências humanas. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio
(Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

As Ciências Humanas, sobretudo na contemporaneidade, tem passado por numerosos desafios, seja pelas diversas reformulações curriculares, pela implementação de novas políticas públicas e/ou questões ideológicas partidárias, que vem, de forma significativa, secundarizando algumas áreas do conhecimento, em especial as ligadas às humanidades.

Nesse quadro, torna-se fundamental uma reflexão sobre o(s) lugar(es) das Ciências Humanas diante da realidade social que vivenciamos, tendo como propósito uma ampliação das perspectivas de compreensão do mundo e formas de melhorá-lo, mas, especialmente, trazer à tona discussões dentro das esferas sociais e culturais com a finalidade de problematizar e tencionar reflexões sobre o mundo contemporâneo.

Nessa conjectura, é de extrema importância lançarmos um olhar, por diversos ângulos, para as demandas sociais e dos sujeitos, ampliando nosso pensamento sobre o mundo e sobre as diversas realidades que nos cerca, buscando novos eixos e novas formas de pensar (e agir sobre) o local e o global.

Portanto, a obra **“As Ciências Humanas em uma Abordagem Multirreferencial”** reuniu doze textos, a partir de uma abordagem crítica e interdisciplinar dentro das Ciências Humanas, que nos permitem compreender diversos aspectos sociais e culturais na contemporaneidade, de forma clara e reflexiva.

Assim, essa coletânea de textos aponta reflexões que problematizam sobre múltiplos aspectos e olhares as relações acerca da área das Ciências Humanas a partir de uma abordagem multirreferencial, buscando uma compreensão e análise de múltiplos fenômenos para que assim possamos compreender os fatos sociais sob diversos prismas, sobretudo aqueles acerca da cultura, da educação e da sociedade, entre outras instâncias.

Por fim, espera-se que essa coletânea de textos possa se mostrar como uma possibilidade discursiva e reflexiva para novas pesquisas e novos olhares sobre os objetos das Ciências Humanas.

A todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA: POVO MARCADO, POVO FELIZ Ana Beatriz Duarte Vieira DOI 10.22533/at.ed.2332125031	
CAPÍTULO 2	11
INDÍGENAS SETECENTISTAS: MÁRTIRES, VILÕES OU MESTRES DOS SERTÕES NAS EXPEDIÇÕES MONÇOEIRAS? Marcos Lourenço de Amorim DOI 10.22533/at.ed.2332125032	
CAPÍTULO 3	23
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS: ENTRE AS MEMÓRIAS DO PASSADO E DO PRESENTE Tomoko Kimura Gaudioso DOI 10.22533/at.ed.2332125033	
CAPÍTULO 4	31
TRABALHANDO A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL EM SALA DE AULA Carmem Lucia Beda de Amorim Sayão Corrêa Patrícia Alves Carvalho DOI 10.22533/at.ed.2332125034	
CAPÍTULO 5	41
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM PERSÉPOLIS E BORDADOS: QUESTIONAMENTOS ACERCA DO PAPEL DA MULHER MUÇULMANA NA SOCIEDADE IRANIANA PÓS-REVOLUÇÃO ISLÂMICA Flávia Abud Luz Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz DOI 10.22533/at.ed.2332125035	
CAPÍTULO 6	50
O ESTADO DE BEM ESTAR SOCIAL E SEUS REFLEXOS NA ESTRUTURAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ADMINISTRATIVA BRASILEIRA Marcelo Paiva de Medeiros DOI 10.22533/at.ed.2332125036	
CAPÍTULO 7	70
A LIGAÇÃO ENTRE OS DIREITOS HUMANOS E A SEGURANÇA PÚBLICA Eliza Minuzzi Ereno DOI 10.22533/at.ed.2332125037	
CAPÍTULO 8	79
CLASSES POPULARES E DESEMPENHO ESCOLAR: ANÁLISE LITERÁRIA A PARTIR	

DE CONTRIBUIÇÕES SOCIOLOGICAS

Desideri Marx Travessini

DOI 10.22533/at.ed.2332125038

CAPÍTULO 9..... 86

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NA UNIR/VILHENA – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Josimari dos Santos da Conceição

Elayne Barbosa da Silva

Jéssica Bittencourt França

DOI 10.22533/at.ed.2332125039

CAPÍTULO 10..... 94

A NATUREZA JURÍDICA DO IMPEACHMENT E O PROCESSO DE CASSAÇÃO DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Lucélia Nárjera de Araújo

Vilobaldo Adelídio de Carvalho

Wilma Avelino de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.23321250310

CAPÍTULO 11..... 106

A INDÚSTRIA CULTURAL E O USO DE FONTES AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Wilderson Alves Leite

Beatriz Alves Marques

DOI 10.22533/at.ed.23321250311

CAPÍTULO 12..... 115

LA RESIGNIFICACIÓN DE UN CONTEXTO QUE BUSCA EL APALABRAMIENTO: LA INFANCIA COMO SUJETO POLÍTICO

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.23321250312

SOBRE O ORGANIZADOR..... 129

ÍNDICE REMISSIVO..... 130

CAPÍTULO 11

A INDÚSTRIA CULTURAL E O USO DE FONTES AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 25/12/2020

Wilderson Alves Leite

Universidade Regional do Cariri-URCA
Crato-Ce
<http://lattes.cnpq.br/0483410899877420>

Beatriz Alves Marques

Universidade Regional do Cariri-URCA
Crato-Ce
<http://lattes.cnpq.br/4315123246401503>

RESUMO: O presente trabalho busca compreender a relação entre indústria cultural e a produção em massa a partir da ótica de Max Horkheimer e Theodor Adorno, além de investigar impactos causados pela produção de massa e a situação brasileira neste cenário. Também busca analisar o que são fontes audiovisuais e como estes produtos da indústria cultural podem auxiliar na educação escolar, além de investigar quais os cuidados que o professor/historiador deve tomar ao utilizá-las em sala de aula alertando sobre seus usos e interpretações. Objetivase, portanto, ampliar o leque de possibilidades metodológicas para ensino de História ofertando uma visão crítica sobre os possíveis usos de recursos audiovisual no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes audiovisuais, Metodologia, Ensino de História.

CULTURAL INDUSTRY AND THE USE OF AUDIOVISUAL SOURCES FOR TEACHING HISTORY

ABSTRACT: The present work seeks to understand the relationship between cultural industry and mass production from the perspective of Max Horkheimer and Theodor Adorno, in addition to investigating the impacts caused by mass production and the Brazilian situation in this scenario. It also seeks to analyze what audiovisual sources are and how these cultural industry products can assist in school education, in addition to investigating the care that the teacher / historian should take when using them in the classroom, alerting them about their uses and interpretations. The objective, therefore, is to expand the range of methodological possibilities for teaching History by offering a critical view on the possible uses of audiovisual resources in the school environment.

KEYWORDS: Audiovisual sources, Methodology, History teaching.

INTRODUÇÃO

A indústria cultural é um conceito derivado da escola de Frankfurt, da obra do Max Horkheimer (1985-1973) e Theodor Adorno (1903-1969) na chamada *Dialética do Esclarecimento*, neste livro existe um ensaio chamado *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. O intuito da escola de Frankfurt era dar ao marxismo uma maior profundidade teórica, tirar o marxismo do

domínio economicista/historicista e transformá-lo em uma ferramenta de compreensão da cultura.

O conceito de indústria cultural envolve a compreensão não apenas do modo de produção, mas do conceito de mercadoria. É mercadoria tudo aquilo que é produzido, ao qual foi dado um preço, no entanto não se trata de valor e sim de preço, o preço obedece a uma série de leis econômicas para ser estabelecido, mas um produto só pode ser entendido como mercadoria a partir do momento em que recebe um preço, a partir do momento em que ele é produzido em larga escala e se transforma em material vendável.

Falamos em indústria cultural do ponto de vista marxista, na medida em que a tecnologia ao evoluir na virada do século XIX para o século XX, a produção se transforma, os preços se transformam, ocorre uma massificação da produção, não apenas nas mercadorias móveis, nos objetos de consumo, carros, móveis e utilidades domésticas destinadas a facilitar a vida nessa modernidade que adentra ao século XX, mas existe também uma indústria cultural que possui produto específico e capacidade de transformar comportamentos a partir de tendências específicas de cada época.

Um dos maiores problemas para o professor de História com relação ao uso de fontes audiovisuais na sala de aula, especialmente os menos preparados no assunto, reside no fato de que as fontes audiovisuais precisam ser entendidas nas suas “estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos.” (PINSKY, 2008, p. 236).

A maioria dos professores que decidem analisar cinema, música ou televisão, especialmente os dois primeiros que são fontes mais comuns em salas de aula, cometem vários deslizos, normalmente os menos habituados no assunto, entendem que analisar cinema significa analisar os diálogos dos personagens, argumento, roteiro e extrair os sentidos explícitos ou ocultos daquela fonte. No caso da música não é muito diferente, muitos resumem a ideia de que analisar uma música significa a análise de letra, pois supostamente ela apresenta o sentido da obra de forma objetiva, é compreensível que num primeiro momento isso aconteça, no entanto, essa visão é muito limitada. Um dos motivos para que as letras da música e os diálogos sejam supostamente mais fáceis de analisar, se da devido à verbalização da mensagem, no entanto, vários outros aspectos deixam de ser analisados.

É fato que muitos professores de história não possuem conhecimentos técnicos específicos que permitam um entendimento da música a partir de sua estrutura harmônica, ou do cinema nos seus vários aspectos estéticos. Nem todos os professores sabem tocar um instrumento, ler uma partitura ou conseguem formular boas hipóteses diante de certos enquadramentos, fotografia cinematográfica e outros aspectos fundamentais do cinema, da música e da TV, para além da linguagem verbal explícita. Contudo, por mais que o desconhecimento técnico dificulte o trabalho, alguns conhecimentos básicos podem ser alcançados através da formação continuada, boa vontade e pesquisa.

Assim como afirma Carla Bassanezi Pinsky (2008) em seu livro *Fontes Históricas*:

Vivemos em um mundo dominado por imagens e sons obtidos “diretamente” da realidade, seja pela encenação ficcional, seja pelo registro documental, por meio de aparatos técnicos cada vez mais sofisticados. E tudo pode ser visto pelos meios de comunicações e representado pelo cinema, com um grau de realismo impressionante. Cada vez mais, tudo é dado a ver e a ouvir, fatos importantes e banais, pessoas públicas e influentes ou anônimas e comuns. Esse fenômeno, já secular, não pode passar despercebido pelos historiadores, principalmente para aqueles especializados em História do século XX. (PINSKY, 2008, p. 235)

REFERENCIAL TEÓRICO

Para fomentar o debate precisamos ter em mente que os produtos da indústria cultural são veiculados pelos mais diferentes meios midiáticos, faz-se, portanto, necessário definir o que entendemos por mídia, que de acordo com o Dicionário *michaelis* eletrônico (2019) pode ser definido como:

Toda estrutura de difusão de informações, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa, utilizando-se de vários meios, entre eles jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, mala direta, outdoors, informativos, telefone, internet etc.

É interessante destacar que a primeira grande massificação não ocorreu por causa dessa revolução tecnológica e sim no início da era moderna quando Johannes Gutenberg (1400-1468) por volta de 1450 criou a prensa de tipos móveis. Essa transformação facilitou a produção de livros antes feitos página à página manuscrita por copistas ao livro impresso. Com o livro impresso o conhecimento passa a circular para um maior número de pessoas no século XVIII, principalmente no período iluminista em que as gráficas se proliferam e se produz muito material cultural e planfletário, o acesso facilitado possibilitou a difusão de novas ideias para vários estratos sociais em diferentes níveis culturais.

No entanto, é na virada para o século XX que passa a existir de fato uma indústria cultural. A indústria fonográfica foi pioneira com o surgimento dos primeiros fonógrafos, primeiro a rolo e depois a disco, e assim transformou-se totalmente a percepção da música pela sociedade. Antes dessas transformações se comercializavam apenas partituras, comprava-se uma partitura e as tocava, grandes orquestras dependiam do mecenato¹ para seu funcionamento. Há uma transformação com o surgimento do disco, pode-se comprar a música pronta, não mais a partitura e aprender a tocar, isso permitiu a apreciação da música a quem não detinha talento musical, não era mais necessário o esforço de decifrar a partitura pra poder usufruir do trabalho do artista.

1. *Mecenato* é um termo que indica o incentivo e patrocínio de artistas e literatos, e mais amplamente, de atividades artísticas e culturais.

Essa transformação resultou em mudanças significativas, pois o ambiente privado incorporava novos produtos artísticos, o contato direto com a música contribuiu consideravelmente para abstração do pensamento e alterou profundamente o comportamento daqueles que estavam exilados da contribuição desse tipo de arte para a formação do senso crítico.

A fotografia e sua evolução juntamente com a música permitiu o surgimento do cinema, a primeira grande indústria cultural de que se tem notícia, desde sua criação até os dias atuais cresceu e se consolidou, principalmente com o período pós-segunda guerra mundial, em que o entretenimento se transformou em um fator de comercialização. Após a década de 70 e 80 surgiram os primeiros vídeos cassetes e jogos eletrônicos, é possível a partir de então comprar um filme para exibir ou jogar em casa através de equipamentos eletrônicos, os jogos digitais nasceram do empenho acadêmico na área de ciência da computação, a partir da elaboração de jogos simples, simuladores e programas de inteligência artificial, tornando-se populares e adentrando na indústria cultural. Desde então, a exibição de filmes em casa e os jogos eletrônicos tornaram-se uma forma popular de entretenimento e produto da indústria cultural. Neste ponto é possível falar de uma indústria cultural sem amarras ou grandes impedimentos.

O grande dilema da indústria cultural é apresentar um bom produto na era de massificação do consumo, grande parte dessas produções é questionável do ponto de vista artístico, filmes *blockbuster*² que são feitos para temporada, são exemplos de filmes que são assistidos e depois descartados, da mesma forma acontece com os gamers e a constante mudança de tendências, o mesmo pode-se dizer da música, a maior parte da produção fonográfica é feita para ser consumida e depois descartada, o que faz sucesso no carnaval deste ano não fará no próximo, essa intensa rotatividade garante um permanente consumo e lucros extraordinários.

A última grande novidade de massa produzida pela indústria cultural é o jogo digital, o segmento dos *games* no Brasil tem recebido incentivo tanto da iniciativa privada quanto do poder público, alguns dados recentemente levantados pelo Ministério da Cultura podem dar um panorama desse setor, e sua importância econômica para a indústria brasileira. O setor de games está inserido na economia criativa da indústria cultural e já possui espaço significativo no desenvolvimento econômico, tanto no Brasil, como no mundo.

O faturamento do setor de *games* no Brasil em 2017 foi de 1,3 bilhões segundo pesquisa realizada com 151 empresas independentes de jogos digitais, a pesquisa foi realizada pelo MINC, BNDS, Abragames³ e *Big Festival*⁴, entre junho e julho de 2017. A pesquisa destaca também que foi gerado um faturamento global no mesmo ano foi de

2. *Blockbuster* é uma palavra de origem inglesa que indica um filme (ou outra expressão artística) produzido de forma exímia, sendo popular para muitas pessoas e que pode obter elevado sucesso financeiro.

3. Criada em 2004 por um grupo de empresas de desenvolvimento, a Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais), surgiu como uma entidade sem fins lucrativos e com o objetivo de fortalecer a indústria nacional de desenvolvimento de jogos.

4. *Big Festival* é o maior evento de jogos independentes da América Latina.

116 bilhões de reais, estima-se que em 2020 os rendimentos mundiais cheguem a 143,5 bilhões de dólares, seu crescimento médio é de 7,3% ao ano e no Brasil esse crescimento é perto de 15% ao ano.

Esse crescimento é muito maior que de segmentos econômicos ditos importantes para a economia, como a própria indústria, segundo a ONU a produção industrial global subiu 4,5% de julho a setembro de 2017 em comparação com o mesmo período do ano anterior. A pesquisa aponta ainda que 78% das empresas de games no Brasil têm suas sedes nas regiões sul e sudeste, em São Paulo está a maior parte dos desenvolvedores de *games*, essas empresas são muito pequenas com até cinco colaboradores e conseguiram passar dos 3 anos de existência, mais da metade delas têm até três jogos e atua tanto no Brasil como no mercado internacional.

O ministério da cultura tem investido em games por editais, através da ANCINE – Agência Nacional do Cinema, disponibilizando 20 milhões de reais, e através da secretaria do audiovisual de economia criativa mais 3 milhões, há portanto um mercado em crescimento, mas muito técnico e especializado que requer dos *gamers* investimentos em sua capacitação.

Assim como a música, a fotografia e o cinema, os impactos da massificação de jogos digitais no Brasil e no mundo são observados com estranheza, a crescente tendência de virtualização das experiências proporcionada pelo jogo e outras mídias digitais estão transformando o comportamento e modificando as relações sociais, não existe ainda consenso sobre os impactos destas transformações, no entanto, é inegável que estão ocorrendo com considerável velocidade.

A maior parte dos indivíduos não percebe que suas preferências podem ser direcionadas pela indústria, esse é o principal argumento de Theodor Adorno quando aponta que a indústria impede a formação de indivíduos autônomos e independentes, capazes de criticar a produção cultural que a indústria cultural difunde, pois o que a indústria cultural forma é apenas a categoria de consumidores, todas as medidas são voltadas para vender seu produto, comercializar a mercadoria cultural com excelência, quando na verdade essa mercadoria foi produzida para ser descartada.

No entanto precisamos ter cuidado com os vários produtos que a indústria cultural estimula para o consumo, pois ela permeia todas as nossas relações com o entretenimento, tanto faz se você está escutando Chico Buarque ou Wesley Safadão, a indústria engloba todos eles. É preciso, portanto, não cair no preconceito de classe, pois existem setores que se consideram elite pensante e escolhem determinados produtos culturais transformando-os em arte, os mesmos relegam todo o resto da produção ao limbo da massificação. Esse preconceito de classe reside na incapacidade de perceber o que o outro vê no entretenimento, é importante que se combata o preconceito e se perceba que a indústria imergiu toda a sociedade em uma cultura de massas, estamos imersos em uma indústria que se relaciona fortemente com todas as escolhas que fazemos em nosso cotidiano, seja

na forma de impressos, músicas, filmes e mais recentemente jogos digitais, é fundamental entender como a relação dos indivíduos com esses produtos transformam a cultura e comportamentos.

A partir da popularização da indústria do entretenimento⁵ e de seus produtos de consumo acabamos aprendendo a identificar os sentidos de certas escolhas estéticas, um determinado tipo de cena, o ritmo de uma música, uma linguagem de programa de TV, esses *Insights*⁶ liberam uma série de imagens mentais e sentidos, isto ocorre diante de uma bagagem cultural que absorvemos durante décadas de exposição massiva a indústria cultural. Trabalhar com esses produtos da indústria cultural em sala de aula, torna-se um desafio diante de seus diversos níveis de complexidade.

Um problema atrelado ao uso deste material como fontes pelos professores de história, é que elas costumam ser classificadas como muito subjetivas. Porém, tanto a visão objetivista, quanto a subjetivista possuem problemas. A visão objetivista é fruto de um suposto efeito de realidade que especialmente o cinema e a TV transmitem, aquela sensação de estar vendo algo real mesmo quando se trata de uma ficção. Bill Nichols (2009) aponta que o cinema:

[...] reivindica uma abordagem do mundo histórico e a capacidade de intervenção nele, moldando a maneira pela qual o vemos. Embora o cinema não possa ser aceito como um igual da investigação científica. (NICHOLS, p. 69)

Um exemplo é o filme *Domingo Sangrento* (2002) dirigido pelo britânico Paul Greengrass, se trata de uma produção filmada com um aspecto estético de documentário, transmitindo a ideia que a filmagem ocorreu em 1972, quando o evento histórico que ele representa aconteceu, foi filmado com a câmera na mão atrás do protagonista durante boa parte do filme, acompanhando-o no desenrolar da história. No entanto, como aponta Rossini (2016), o historiador deve manter uma distância desse efeito de realidade, mas também dos efeitos emotivos suscitados pelo cinema, pois também influenciarão na sua análise (ROSSINI, 2006, p. 118).

A visão subjetivista é mais comum sobre a música, ainda que seja recorrente em análises sobre o cinema e a TV, esse produto tem uma natureza polissêmica, ou seja, são produtos que carregam vários sentidos e permitem interpretações diferentes, por carregar essa característica muitas vezes o pesquisador das ciências humanas passa a perceber significados nos filmes, ou músicas, que nem mesmo os diretores, roteiristas ou compositores tinham em mente quando produziram o trabalho, portanto, “Cabe ao historiador que analisar tal documento realizar o movimento inverso dessas operações,

5. Refiro-me aos vários pilares que constituem as artes performáticas, desde suas características financeiras (incluindo empresários, produtores e distribuidores), aos aspectos criativos (artistas, compositores e músicos, entre outros), passando também pelo estrutural (cinema, televisão, teatro e música).

6. Substantivo com origem no idioma inglês e que significa compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação.

desconstruindo os fatos descritos ou os eventos narrados pelo documento televisual.” (PINSKY, 2008, p. 250).

Contudo, essa visão muito subjetivista do objeto pode ocasionar, no pesquisador menos atento, à ideia de que vale quase qualquer coisa, que dá para persistir na análise de uma obra buscando significados que podem não estar lá, por ser apenas uma criação da cabeça do pesquisador.

Neste ponto revela-se uma questão sensível na análise dessas obras, a fidelidade histórica e a conexão com o próprio contexto em que a obra foi produzida. Boa parte dos professores que recorrem a estes materiais em suas salas-de-aula, especialmente obras cinematográficas, insistem que não é importante saber se a obra é fiel à história ou não. No caso de um filme sobre algum evento histórico, por exemplo, saber se ele é fiel ou não, seria só um fetiche que não tem muita importância acadêmica, pois o importante seria analisar como essa obra se conecta com o seu próprio presente, ou seja, o momento no qual ela foi produzida, analisar que ideologias ou mensagens ocultas carregam e que valores elas defendem, como tenta representar o passado e dar sentido a um pensamento atual, enfim, estes são apenas alguns dos questionamentos que se pode fazer de uma fonte audiovisual.

Porém, se por um lado é importante analisar uma obra nos seus discursos e representações sobre o passado, por outro não se pode deixar de lado a questão da fidelidade histórica, resumindo-a um fetiche, pois, como veremos adiante existem dois tipos de erros históricos. De um lado temos os erros que são propositais e visam preencher lacunas históricas que ninguém conseguiu preencher, pois não há estudos próprios sobre o tema, ou são inserções de diálogo necessárias em uma cena que o diretor julgou necessário para a construção da narrativa, mas que não compromete a obra, pois há somente suposições de muitas coisas que as pessoas do passado conversaram ou fizeram, e que são impossíveis de descobrir, principalmente diálogos (com exceção dos registros históricos), é impossível saber o que as pessoas conversavam ou como os diálogos realmente ocorreram em uma determinada situação que está sendo representada em um filme.

De outro lado existe um erro mais grosseiro relacionado à falta de fidelidade proposital, que deturpa a história, como a finalidade política, filosófica ou qualquer outra, essas deturpações estão ancoradas no presente, mas constroem o passado para atingir esse objetivo. No entanto, saber detectar uma cena de um determinado filme que está deturpando a história de propósito, ajuda montar uma crítica, pois dependendo de como essa obra está deturpando a história haverá implicações ideológicas muito sérias, para citar como exemplo temos o caso do filme 1942 a conquista do paraíso, dirigido por Ridley Scott, o filme foi lançado em 1992 no escopo das comemorações dos 500 anos de descobrimento do continente americano e é carregado de erros históricos.

O referido filme apresenta Colombo como um homem tolerante que quer entender os nativos sem impor com violência os valores europeus, somente alguns de seus homens, resolveram tirar vantagem dos nativos e agir com violência, contra a vontade de Colombo,

no entanto, o que se deu foi basicamente o oposto, a brutalidade de Colombo e os seus homens na América foi indescritível.

Embora essa mudança na narrativa história do filme tenha o objetivo de encaixar Colombo em um roteiro específico, não se pode esquecer que toda pesquisa envolvendo produtos da indústria cultural precisa obrigatoriamente passar pela análise de contexto dessas obras, muitas vezes é o contexto – no caso supracitado, as comemorações dos 500 anos do descobrimento do continente americano – que revelará às perguntas e não somente a análise da fonte em si. Deste modo:

De um ponto de vista mais teórico, as análises da mídia parecem exigir reflexão acurada sobre o problema não apenas da produção e das questões de linguagem aí envolvidas, mas também sobre o problema da recepção dessas imagens pelos grupos sociais. (PINSKY, 2008, p. 250)

A análise desse tipo de fonte normalmente tem dois aspectos que são trabalhados juntos, a decodificação técnico-estética e a representacional. A decodificação técnico-estética visa analisar quais foram os mecanismos e técnicas de linguagem, não só verbal, que as fontes usaram. E a decodificação-representacional, busca entender quais são os eventos, personagens e processos históricos que são representados pela fonte e como eles são representados. No entanto, a análise desses aspectos não deve ser feita separadamente, pois como aponta Pinsky (2008):

Na prática, essas duas decodificações não são feitas em momentos distintos, mas à medida que analisamos a escritura específica do material audiovisual ou musical, suas formas de representação da realidade vão tornando-se mais nítidas, desvelando os “fatos” social e histórico nela encenados direta ou indiretamente. (PINSKY, p. 238)

Vale ressaltar que nos estudos sobre cinema, música, dentre outras mídias audiovisuais é muito raro o uso do termo *retratar*, bastante usado pelo senso-comum, o termo retratar é rechaçado, pois passa a ideia de retrato ou fidelidade, quase de realidade, enquanto o termo *representação* se mostra mais adequado a essas condições, ou seja, o fato de estar *representando* algo e não *retratando*, seja uma história totalmente fictícia ou um evento do passado. Ao assimilar o termo *representação*, diretores e roteiristas passam a gozar de mais liberdade criativa, mesmo não conhecendo todos os detalhes do evento a ser retratado, usam de discricionariedade para preencher lacunas, sem necessariamente ser fiel historicamente ou transmitir a ideia de uma suposta neutralidade que a noção de retrato transmite ao público mais leigo, ou seja, a ideia de que foi *assim que aconteceu*.

Portanto quando o professor se deparar com a análise de um filme, música ou uma obra de ficção qualquer, não pode afirmar que a obra *retrata*, invés disso deve apontá-las como *representações*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção atual de documento histórico rejeita a ideia de que o documento fala por si, as várias interpretações possíveis de um documento musical ou audiovisual não são muito diferentes de outros tipos de documentos que são considerados mais tradicionais, há uma tensão entre evidência e representação, cabe ao professor/historiador analisar criticamente a fonte audiovisual como se faz com qualquer outra fonte.

O trabalho de análise deve passar pelo momento de identificação da fonte, é necessário para isso atentar-se sua data de criação ou lançamento, quem é o autor, quais as condições de elaboração dessa fonte, qual a coerência histórica na sua representação e do seu conteúdo.

Portanto, se antes a linguagem era vista como um veículo neutro de ideias pelos historiadores positivistas, hoje a própria linguagem é objeto de reflexão, desse modo, mesmo que o foco da pesquisa não seja a parte técnica e estética da fonte, esta não pode ser ignorada, não é suficiente apenas uma análise de discurso, pois a parte técnica e estética tem um papel fundamental na criação do discurso, portanto, o discurso não se resume apenas a verbalização. A escolha do que irá compor um filme, música ou qualquer outro meio audiovisual é uma questão subjetiva feita por vários sujeitos interessados em sua produção, isso não pode ser esquecido.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.** In: _____. *Dialética do esclarecimento.* 2. ed. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986. p. 113-156.

FLEURY, Afonso; NAKANO, Davi; CORDEIRO, José H. D. **Mapeamento da Indústria Brasileira e Global de Jogos Digitais:** Pesquisa do GEDIGames, NPGT, Escola Politécnica, USP, para o BNDES, 2014. São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/produtos/download/aep_fep/chamada_publica_FEP0211_mapeamento_da_industria.pdf. Acesso em: 23 jun. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papirus, 2009.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos Ltda. 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=okDkn>. Acesso em: 23 jun. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSSINI, M. de Souza. O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: LOPES, A. H. *et al.* **História e Linguagens: texto, imagem oralidade e representações.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 86, 87, 88, 91, 92

Aprendizado 31, 34, 39

Aspectos Legais 71, 94, 98

B

Bem-Estar Social 51, 53, 54, 55, 57, 61, 62

Brasil 2, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 50, 51, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 73, 77, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 109, 110

C

Colonização 11, 12, 16, 33, 51, 63

Comunidade 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 25, 27, 33, 54, 56, 73, 80, 88

Comunidade Quilombola 1, 2, 4, 8, 9, 10

Crise de Efetividade 50

Cultura 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 58, 61, 71, 77, 79, 80, 81, 87, 88, 89, 93, 103, 104, 107, 109, 110, 111, 129

Cultura Japonesa 23, 24, 26, 27, 28, 29

D

Desempenho Escolar 79, 80, 81, 82

Direitos das Mulheres 41, 42, 48

Direitos Humanos 9, 31, 34, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78

Diversidade 1, 4, 8, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40

E

Educação 4, 5, 7, 10, 24, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 48, 54, 55, 56, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 71, 79, 80, 84, 88, 90, 92, 93, 106, 129

Ensino 28, 31, 34, 35, 36, 38, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 106, 129

Ensino de História 38, 106

Equidade 1, 3, 4, 6, 10

Escola 29, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 44, 46, 68, 69, 80, 81, 82, 83, 85, 92, 93, 106, 114

Estado Constitucional 50, 51

Étnico-Racial 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40

Experiência 3, 20, 31, 80, 86, 89, 90, 91, 92, 93

F

Fontes Audiovisuais 106, 107

G

Gênero 13, 34, 41, 44, 49, 60, 129

Governo 3, 10, 12, 14, 25, 43, 45, 46, 55, 62, 65, 66, 73, 77, 96, 97, 98, 101, 103

H

História 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 50, 68, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114

I

Identidades 41, 43

Imigração 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Imigração Japonesa 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Impeachment 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Indígena 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 61

Indústria Cultural 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114

Infância 48, 60, 92, 115

Irã 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Islã 41, 42, 43, 48, 49

J

Justiça 1, 3, 4, 6, 9, 10, 51, 56, 105

M

Memória 5, 20, 23, 24, 25, 26

Metodologia 30, 37, 86, 106

Mulher 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 56

Mulheres 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 57, 62, 88

N

Natureza Jurídica 94, 100, 102, 105

P

Política 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 29, 35, 42, 44, 45, 50, 52, 56, 57, 61, 62, 66, 69, 72, 75, 77, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 104, 112, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128

Políticas Públicas 1, 2, 3, 5, 7, 8, 50, 52, 61, 66, 71, 77

Populações Vulneráveis 1, 8

Povo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 32, 37, 53, 54, 66, 70, 73, 75, 83, 96

Q

Quilombola 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10

R

Raça 2, 38, 72

S

Saberes 2, 11, 32, 33, 34, 38, 91

Saberes Indígenas 11, 33

Segurança Pública 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78

Sociedade 2, 3, 4, 6, 7, 8, 12, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 66, 71, 72, 75, 76, 77, 90, 108, 110, 129

Subjetividade 84

Sujeito Político 115

V

Valorização 1, 3, 5, 6, 8, 31, 32, 35, 38

Violência 51, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 112, 115

Vulnerabilidade 7, 27, 60, 88, 92, 115

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021